



**XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social
Movendo Outras Engrenagens
Itajubá-MG, Brasil**

**Gestão financeira para empreendimentos solidários: desafios de
linguagem, conteúdo e aplicação**

*Financial Management to solidary businesses: language, content and application
challenges*

Sandra Rufino
Érica Ricelle Costa e Silva
João Eduardo Rebouças Pereira de Medeiros
Luana Pereira Nogueira
Lucas Matheus Dias de Lima

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido com o propósito de discorrer sobre as atividades relacionadas à aplicação de oficinas sobre o conteúdo da cartilha de Gestão Financeira do grupo PEGADAS nos territórios do Rio Grande do Norte. Atividades essas que vão desde a concepção da linguagem, adaptada para os empreendimentos econômicos solidários (EES), ao roteiro e a aplicação da oficina. Considerando esse contexto e por meio do contato direto com a comunidade que vive da economia solidária, houve um repasse de conhecimento técnico sobre o assunto proposto, um fomento sobre as temáticas trabalhadas pelo grupo através da Educação Popular afim de alcançar pessoas que serão multiplicadores dos princípios da economia solidária e possíveis articuladores nos seus campos de trabalho e comunidade local.

Palavras-Chave: Economia Solidária. Gestão Financeira. Educação Popular.

ABSTRACT

This paper was written with the purpose of talking about the activities related to the application of workshops based in a financial management hornbook produced by PEGADAS. Such activities go from language, adapted to solidary economic businesses, to the script and application of the workshops itself. Considering this context and through direct contact with the community that lives the solidary economy, there was a technical knowledge transference about the proposed subject, a promotion about the themes addressed by the group through popular education in order to reach people that will be multipliers of the solidary economy principals and possible articulations in their fields of work and local community.

Keywords: Solidary Economy. Financial Management. Popular Education.



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

INTRODUÇÃO

Após a Revolução Industrial os meios de produção foram dissociados do trabalhador, sendo toda forma de conhecimento monopolizado por uma classe dominante, havendo uma exploração do trabalhador em função do produto e do lucro. O modelo capitalista se expandiu e tornou-se hegemônico, e trouxe consigo o processo de globalização.

Esse sistema gera exclusão de parcela considerável da população, que se encontra sem alternativas para obterem seu sustento de forma digna. Como um escape a este cenário e forma de minimização dos efeitos negativos que o capitalismo traz, surge a Economia Solidária (ECOSOL).

O desfalque ocasionado pelas alterações estruturais que fragilizaram o modelo tradicional, abriu espaço para o advento e avanço de formas de organização do trabalho. Para Paul Singer, com este desfalque existe uma oportunidade para o surgimento de novos espaços para manifestação de métodos de produção, e acrescenta que: “a combinação entre força de trabalho excedente e um conjunto de militantes sociais críticos e engajados tem possibilitado avanços importantes no âmbito da economia solidária” (SINGER,2002, p. 227)

Uma das bases da ECOSOL é a autogestão, que de acordo Tauile (2005) sob a perspectiva de gestão solidária, as sobras são distribuídas pelo conjunto dos trabalhadores por meio de processo de compartilhamento das decisões do que produzir, como produzir e a forma de repartição dos dividendos, de modo que possa haver equidade social.

No Rio Grande do Norte o movimento da ECOSOL conta com a participação do Fórum Potiguar de Economia Solidária, que é um espaço de articulação e diálogo entre diversos atores e movimentos sociais pela construção e fortalecimento da economia solidária como base fundamental de outro desenvolvimento socioeconômico para o estado. Integrado por educadores, estudantes, trabalhadores dos empreendimentos, instituições de fomento e demais militantes do movimento, o FPES é um grupo ativo onde se discute a realidade da ECOSOL no estado e se promove encontros para planejamentos de ações que visam o fortalecimento dos empreendimentos econômicos solidários, assim como de todo o movimento no RN.



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

Entretanto, para que exista a viabilidade financeira de um EES, este precisa estar inserido num mercado que está diretamente ligado aos moldes capitalistas. Com isso, os empreendimentos enfrentam inúmeras barreiras para que haja essa inserção. Estas dificuldades podem surgir por meio de fatores políticos, jurídicos, e, por problemas de organização interna do próprio empreendimento.

A ITCP-USP (2007) diz que o mercado exige que as cooperativas sejam competitivas, não sendo relevante a estrutura interna de gestão da empresa, mas sim a qualidade e a eficiência dos produtos e serviços. Isto faz com que, em diversas vezes, os cooperados acabem aderindo a ferramentas de gestão que são enraizados em ideais capitalistas, que são contraditórios aos princípios da autogestão e da economia solidária. Com isso, os EES se encontram diante do seguinte questionamento: como continuar inserido no mercado e concomitantemente permanecerem fieis aos ideais da autogestão?

As ferramentas de gerenciamento foram pensadas focando no lucro, na hierarquização do trabalho, na centralização de tomadas de decisão e de conhecimentos. Mediante a isto, o desenvolvimento de ferramentas e técnicas se mostra cada vez mais desafiador se levar em consideração a severidade o contexto dos EES.

A partir desta problemática, diversas instituições de fomento a Economia Solidária atuam tentando traduzir e criar ferramentas de gerenciamento voltadas para a autogestão dos empreendimentos de economia solidária, tentando assim fortalecê-los. Um desses grupos é o grupo multidisciplinar de estudos, pesquisa e extensão em Projetos de Engenharia e Gestão Aplicados ao Desenvolvimento Ambiental e Social (PEGADAS).

O PEGADAS nasceu em 2010 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a partir da união de professores e alunos do curso de engenharia de produção que compartilham da visão de que o trabalho do engenheiro tem uma função social que ultrapassa a aplicação de técnicas, desenvolvendo-se em uma rede de práticas e relações que deve estar voltada à melhoria da qualidade de vida da sociedade. Orientado pelo paradigma da sustentabilidade (ecológico, sistêmico, da complexidade), o grupo incorpora e propaga em suas ações valores tais como: cooperação, justiça social, solidariedade, parceria, sustentabilidade, preservação ambiental e qualidade de vida.



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

O conceito de Educação Popular supõe que os processos sociais são permeados por uma dimensão pedagógica, no interior da qual saberes e sujeitos distintos estabelecem relações. Diferentemente da tradição pedagógica herdada da perspectiva liberal-burguesa, que pensa essa relação fundada numa hierarquia na qual os saberes gestados no âmbito dos espaços de educação formal adquirem um status de superioridade em relação aos espaços não formais. Essa diferença entre saberes expressa, na verdade, a hierarquia social que reflete as desigualdades sociais historicamente instituídas no seio da modernidade capitalista (SANTOS, 2007). Nesse sentido, a Educação Popular aponta para processos pedagógicos cujos saberes são distintos e igualmente legítimos, devendo, portanto, se estruturarem em relações horizontais. O fundamento da horizontalidade nessa relação entre saberes supõe o empoderamento dos sujeitos que historicamente foram relegados à subalternidade social. Assim, não apenas o conteúdo pedagógico, ou a metodologia, mas também, o sentido das ações propostas em qualquer projeto que se propõe organizar-se a partir dos princípios da Educação Popular, tem um caráter emancipador (FREIRE, 1987).

METODOLOGIA

A produção das oficinas de gestão, aplicadas pelo grupo PEGADAS, tem cartilhas de gestão como material-base. Com esse intuito o grupo desenvolve suas próprias cartilhas de gestão voltadas para desenvolvimento e fortalecimento territorial e, concomitantemente, produz oficinas baseadas nessas cartilhas. As demandas das temáticas abordadas pelas cartilhas surgiram da aplicação de um Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), realizado junto aos empreendimentos de economia solidária do estado do RN em parceria com a Incubadora de Iniciativas e Empreendimentos Solidários (INICIES) e apoio do Fórum Potiguar de Economia Solidária.

O DRP contou com a presença de pessoas envolvidas no movimento da economia solidária da região, por meio de grupos focais, levantou as questões enfrentadas pela comunidade em relação a seis eixos previamente definidos, foram eles: Político, Ambiental, Social, Técnico, Financeiro e de Comercialização. Após o levantamento das problemáticas foi desenvolvido um quadro que sintetizava as demandas de formação e definiu-se com os empreendimentos e parceiros, que o



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

grupo PEGADAS ficaria responsável pelo desenvolvimento de cartilhas técnicas e formativas de gestão com os temas: Saúde no Trabalho; Gestão Financeira; Marketing; Captação de Recursos; e Plano de Negócios. As capas dessas cartilhas podem ser observadas na Figura 2.



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Após a definição dos temas a serem trabalhados, o grupo recebeu do FPES, a demanda dos territórios de cidadania que deveriam ser priorizados quanto à aplicação das oficinas e distribuição das cartilhas, foram eles: Mato Grande, Potengi, Seridó, Terra dos Potiguaras e Trairi. Deu-se então início a produção das cartilhas e das suas respectivas oficinas. A primeira cartilha da série a ser desenvolvida foi “Pensando seu produto no mercado: comercialização e marketing” que aborda aspectos relacionados à venda dos produtos.

A cartilha de Gestão Financeira, segunda cartilha da série, traz quatro ferramentas, são elas: Fluxo de Caixa, Fluxo de Caixa projetado, Ponto de Equilíbrio e Precificação. Assim como as outras cartilhas da série, a cartilha de gestão financeira busca criar uma narrativa que traga na sua estória a necessidade da utilização dessas ferramentas e mostra a sua aplicação à realidade dos empreendimentos, para isso o grupo adapta tais ferramentas para que sua aplicação se torne viável e eficaz.



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

Figura 3 - Capa da cartilha de gestão financeira



Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

A cartilha foi estruturada visando alcançar os objetivos que consistiam em: mostrar o que é gestão financeira; como funciona a gestão financeira na Economia Tradicional e como utilizá-la na Economia Solidária; como elaborar um controle de caixa; e como determinar preços. Podemos observar a estrutura na Figura 4:

Figura 4–Sumário da cartilha de gestão financeira

Cuidando das contas: gestão financeira	
Sumário	
Prefácio	04
Objetivos da Cartilha	05
1. O que é gestão financeira?	06
2. Qual a diferença na gestão financeira do capitalismo para a da economia solidária?	07
3. Será que já fazemos essa tal de gestão financeira?	11
4. Como acompanhar entradas e saídas de dinheiro no empreendimento?	13
5. Como acompanhar entradas e saídas de dinheiro ao longo do tempo?	20
6. Como equilibrar nossas contas?	24
7. O preço do nosso produto está adequado?	32
8. Ferramentas da gestão financeira	38
Vamos praticar?	39
Para pensar	43
Referências e Fontes de figuras	44
Lista de siglas	44
Para assistir	45
Minhas anotações	46

Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

A estratégia de elaboração dos conteúdos das cartilhas é criar grupos menores na equipe do PEGADAS que desenvolvam fases da cartilha e oficina. Sendo revisão geral, alinhamento, integração e finalização do conteúdo realizados por todos os integrantes em reunião geral. Essa estratégia possibilita que a cartilha seja produzida por diferentes visões do assunto, deixando seu conteúdo muito mais completo.

Mesmo havendo a preocupação com a linguagem e de trazer elementos e exemplos do cotidiano dos empreendimentos, a cartilha de gestão financeira teve



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

alterações (e ainda passível de modificações) para que o conteúdo seja cada vez mais acessível aos trabalhadores dos empreendimentos. Além disso, ao realizar as oficinas, dialogamos com os trabalhadores sobre as dificuldades e sugestões de mudanças, tanto de conteúdo quanto de aplicação, para que a cada oficina a cartilha e a maneira de apresentar os conteúdos sejam aprimorados.

Para melhor assimilação, conteúdos técnicos mais complexos como, ponto de equilíbrio e precificação de produtos, têm desenvolvimento e apresentação de seus conteúdos como uma construção de raciocínio que relaciona os saberes dos trabalhadores com os conteúdos e termos técnicos da área da gestão financeira. Ademais, todo o conteúdo da cartilha realiza reflexão da temática com a autogestão e demais princípios da ECOSOL.

As cartilhas e as suas respectivas oficinas são desenvolvidas de forma simultânea, enquanto uma parte dos membros do PEGADAS se debruça no desenvolvimento do conteúdo, outra parte elabora as atividades baseadas em metodologias ativas e colaborativas de aplicação do conteúdo. A equipe responsável pela oficina pensa em todos os aspectos relacionados ao dia de sua aplicação. Esses aspectos contemplam desde como ocorrem os preparativos iniciais do espaço até o momento final de reflexão e *feedback*, da divisão temporal dos momentos ao conteúdo abordado em cada um deles. Semanalmente ocorrem reuniões de integração e revisão, e nesse momento as ideias são apresentadas, e, tanto o conteúdo interfere nas atividades de aprendizado da oficina e vice-versa.

O PEGADAS possui alguns procedimentos padrão para a aplicação das oficinas, procedimentos esses que vão desde o desenvolvimento de uma lista de checagem até a sistematização de todos os momentos em forma de relatório. O intuito é de evitar que a atividade seja prejudicada pela falta de algum documento, material ou equipamento. Realizam-se no mínimo duas reuniões presenciais dedicadas à oficina antes sua aplicação para garantir o alinhamento dos membros em relação, tanto à aplicação da dinâmica, quanto as teorias que fundamentam a dinâmica e que fomentam a discussão do segundo momento.

A aplicação da oficina de gestão financeira conta com dois grandes momentos. Um pela manhã, onde o grupo realiza a dinâmica de integração inicial, para que os participantes se conheçam, e outra que chamamos de “Vendas de coco” (baseada



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

na apostila “Orientação para Crédito” do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo- SEBRAE/SP).

Figura 5 - Oficina de gestão financeira no município de São Miguel do Gostoso/RN



Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Figura 6 - Oficina de gestão financeira no município de Currais Novos/RN



Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

A dinâmica “Vendas de Coco”, simula um mercado de compra e venda de cocos e aplica conceitos de gestão financeira da cartilha de forma lúdica. Os trabalhadores e trabalhadoras são organizados em cooperativas que comercializam coco e clientes que adquirem os produtos, para isso, cada grupo de trabalhadores recebe uma tabela, apresentada na Figura 7, para controlar as vendas, o estoque, as entradas e saídas.



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

Figura 7– Material usado na aplicação da dinâmica “Venda de coco”

RODADAS	1ª Rodada	2ª Rodada	3ª Rodada	4ª Rodada
MOVIMENTAÇÃO				
Capital de Giro (Resultado da rodada anterior + Valor de empréstimo)	R\$ 10,00			
Preço unitário do coco	R\$ 0,50	R\$ 0,50	R\$ 0,50	R\$ 0,50
Quantidade Comprada				
Gasto com Matéria Prima (Preço unitário do coco X Quantidade comprada)				
Preço de Venda do Coco (Preço que os vendedores escolherão)				
Quantidade Vendida				
Faturamento (Quantidade Vendida X Preço de venda do coco)				
Gasto com Aluguel da Barraca	R\$ 3,00	R\$ 3,00	R\$ 3,00	R\$ 3,00
Gastos com Impostos - 10% (Faturamento X 0,1)				
Pagamento de Empréstimo	X	X		
Resultado da Rodada (Capital de Giro - Gasto com Matéria Prima + Faturamento - Aluguel - Imposto - Pagamento de Empréstimo)				
Estoque Final do Período (Quantidade de cocos que sobraram)				

Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Em cada rodada, sem que os participantes que estão vendendo os cocos saibam, o PEGADAS determina se o cenário é favorável ou pessimista para as vendas de coco e repassa para os clientes uma determinada quantidade de cocos a ser comprada. A finalidade é analisar como os vendedores se adaptariam a situação de acordo com o cenário dado. Em seguida, é feita a reflexão sobre “Vendas de Coco” com base em como eles se comportaram em cada rodada e como foi o balanço geral das vendas.

Figura 8–Produção das barracas para a Dinâmica “Venda de coco”



Fonte: Elaborado pelos autores (2016).



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

Figura 9–Comercialização na Dinâmica “Venda de coco”



Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Durante o segundo momento das oficinas, são repassados os conteúdos técnicos previamente citados como: Fluxo de Caixa, Fluxo de Caixa projetado, e Ponto de Equilíbrio. O repasse desses conteúdos acontece de forma construtiva e participativa, tentando trazê-los para a realidade dos empreendimentos. Esse momento pode ser observado na Figura 10 abaixo.

Figura 10–Apresentação da ferramenta de Fluxo de Caixa no município de Currais Novos/RN

ENTRADA	SAÍDA	
	20,00	480,00
20,00		500,00
	100,00	400,00
	50,00	350,00
20,00		370,00
		390,00
SALDO FINAL		390,00

	01/01/2016	02/01/2016	03/01/2016
Entrada	200,00	200,00	200,00
Saída	150,00	150,00	300,00
Saldo	50,00	50,00	300,00

Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Com o intuito de que os trabalhadores participantes da oficina fixem os conteúdos técnicos, há uma seção na oficina e na cartilha chamada de “Vamos Praticar?”, a qual apresenta-se tabelas para que cada pessoa possa preenchê-la e apreender o conteúdo apresentado anteriormente. Essa seção traz as ferramentas apresentadas no texto da cartilha de forma estruturada, como pode ser observado nas Figuras 11 e 12 a seguir.



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

Figura 13 – Momento de preencher a avaliação da oficina no Trairi /RN



Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

APLICAÇÃO DAS OFICINAS

A primeira oficina de gestão financeira, aconteceu na região do Potengi, grupo definido como piloto junto ao FPES para aplicação das cartilhas de gestão. As ações foram financiadas por projetos aprovados no primeiro momento com recursos do CNPq/Proninc 2014/2015 e depois pelo Proext/MEC 2016.

Para essa oficina, o momento inicial da dinâmica do coco foi bastante efetivo, pois todos os grupos formados dentro da dinâmica apresentaram resultados satisfatórios em comparação àqueles obtidos em testes realizados pelo grupo. Além disso, os participantes estavam trabalhando em conjunto dentro dos seus grupos, não havendo centralização em um só integrante. Cada grupo de venda tinha o auxílio de um membro do PEGADAS, e isso foi, sem dúvidas, de grande valia para a compreensão das técnicas envolvidas nesse momento. Ainda durante a manhã fizemos uma reflexão da dinâmica e dos conteúdos que haviam sido desenvolvidos.

Logo após a conclusão da dinâmica foi feita uma pausa para o almoço e em seguida voltamos às atividades no início da tarde. O objetivo do segundo momento era trazer os conceitos teóricos básicos da área, bem como outras ferramentas que não tinham sido utilizadas na parte da manhã. Foi pensado que a melhor forma de absorver tais conteúdos seria apresentando-os no quadro, e à medida que eles fossem apresentados, os participantes seriam divididos por empreendimento e colocariam em prática de acordo com sua realidade. Os conteúdos foram apresentados e, em seguida, os participantes receberam as tabelas do “Vamos



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

Praticar? ”, para preenchê-las em grupo. Ao final desse segundo momento, encerramos a oficina e nos reunimos mais uma vez para uma reflexão geral.

Figura 14–Momento de aplicação dos exercícios da cartilha



Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Para a realização da segunda oficina no território da Terra dos Potiguaras, o qual corresponde à região da grande Natal, se avaliou a dinâmica do coco como bastante satisfatória, visto que os grupos já tinham uma dinâmica de empreendimento e já discutiam sobre fatores da economia solidária. Nossa presença junto aos grupos se apresentou como um suporte para o bom desenvolvimento da dinâmica, na otimização do tempo e para a realização de todas as atividades planejadas.

Durante a realização da terceira oficina, em Mato Grande, observamos que os empreendimentos econômicos solidários estavam fortes e articulados, pois durante a dinâmica do coco não foi observado uma disputa desigual no preço do produto e os grupos entendiam como agregar valor a partir da economia solidária. Isso pode ser justificado, pelo fato de que, o território do Mato Grande é uma região onde vários outros grupos de extensão atuam, e a própria região tem seu fórum político, o Fórum do Mato Grande– FOMAG, com isso, a articulação foi eficaz. Foi realizada na cidade de São Miguel do Gostoso, contando com a presença de dez empreendimentos e cerca de quarenta pessoas. Sendo principalmente grupos de assentamentos rurais da região, associações de bancos comunitários, e grupos urbanos.



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

Figura 15- Oficina de gestão financeira no município de São Miguel do Gostoso/RN.



Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

A quarta oficina de gestão financeira se deu no território do Trairi, em Jaçanã. Nessa oficina, o grupo sentiu dificuldade de trabalhar a temática e repassar o conhecimento acerca dela, pois, devido a falhas na comunicação com a articulação do território o propósito do projeto não ficou totalmente esclarecido, e os participantes eram em quase sua totalidade, crianças ou jovens.

De todos os territórios onde foram ministradas as oficinas, a de Currais Novos foi a oficina que se obteve maior desenvoltura em sua aplicação pelo grupo, por ter sido o último território ao qual foi desenvolvido e após todas as mudanças realizadas no decorrer das aplicações, o grupo estava com uma carga de experiência maior e adaptado para lidar com situações adversas que poderiam vir a acontecer.

No primeiro momento de aplicação na “dinâmica do coco”, dividimos os participantes em grupos e ficou claro, que diferentemente de outros territórios, a condução do momento aconteceu de maneira mais fluida, tornando a atividade mais proveitosa e participativa para quem lá estava. Como nas oficinas anteriores, no segundo momento, houve o repasse do conhecimento teórico para os representantes dos empreendimentos. Vale ressaltar, que os feedbacks recebidos nessa oficina foram em sua totalidade positivos, o que corrobora que a forma como oficina foi conduzida neste território foi bem-sucedida.



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

Figura 16- Momento da Avaliação da oficina em Currais Novos/RN



Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

DESAFIOS ENCONTRADOS

Metodologia das oficinas: Como aplicar oficinas pautadas na Educação Popular?

Nas primeiras oficinas tivemos problemas de passar o conteúdo, em especial, no turno vespertino, visto que um problema que não foi identificado no planejamento é que tal modelo de construção de conhecimento deixa o método cansativo; além do uso do quadro já deixar o conteúdo aparentemente inacessível, os conteúdos têm um nível de complexidade considerável. Após a primeira oficina, diante das avaliações da oficina anterior, foi procurado deixar o conteúdo mais palpável. Para isso, colocamos o “vamos praticar” por partes, em cada tópico exposto no quadro voltávamos para o empreendimento e tentávamos nos aproximar da realidade deles. Todos os conceitos e fórmulas se mantiveram no quadro, sendo expostos, mas tentamos trabalhar a compreensão e aplicação com cada um. A partir dessa mudança esperávamos que os conceitos técnicos se tornassem mais próximos da realidade do EES, no entanto a metodologia não se mostrou tão eficiente. O fato de ficarmos movimentando o grupo entre o quadro e seus companheiros causava uma dispersão, o que afetava no andamento do conteúdo como também das práticas. Percebemos também que a atividade que deveria ter a colaboração de todos do empreendimento, passava a ser centralizada em uma única pessoa, que de maneira geral fazia parte da liderança do empreendimento. Na avaliação final tivemos o *feedback* sobre o novo formato da oficina. A questão do nível de dificuldade do assunto se manteve. Conseguimos melhorar a exposição do conteúdo, no entanto ainda tivemos observações acerca da complexidade na linguagem, assim como de



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

alguns vícios de linguagem que se mantiveram. Foi sugerido ainda que voltássemos à metodologia da oficina às práticas da Educação Popular, questão essa que nos fez refletir como grupo; qual era nossa compreensão sobre a temática, como estávamos nos comportando e qual era nosso objetivo com as oficinas.

Chegamos à conclusão que a nossa metodologia não estava se aproximando da realidade dos trabalhadores, a nossa prática não possibilitava uma emancipação de todos no grupo. Aprofundamos nossos estudos acerca da Educação Popular para entender do porquê de ter o quadro como centro do repasse de conhecimento e como poderíamos renovar totalmente a metodologia do conteúdo técnico. Então, após algumas lidas sobre a temática e conversas internas, foi decidido por uma reestruturação da forma de passar os conteúdos, procurando deixar mais lúdico e mais participativo.

O grupo, para a terceira oficina, decidiu não fazer a parte de fórmulas e conceitos no quadro. Assim, quando o assunto foi para os tópicos relacionados a conceitos e fórmulas, pedimos que os empreendimentos se agrupassem e todo o desenvolvimento dos conteúdos foi feito juntamente do seu grupo. Pegando os conceitos e os explicando a partir do empreendimento de doces, de confecção, do banco comunitário, cada empreendimento teve a possibilidade de ter aqueles conceitos sendo úteis para o seus dia-a-dia, e da mesma forma fizemos com as fórmulas, o que representa a parte mais técnica do conteúdo.

Esse modelo nos possibilitou ver todos os integrantes do empreendimento participando da construção de conhecimento, a partir da reflexão dos conceitos, no desenvolvimento dos cálculos, discutindo sobre a dinâmica do empreendimento, na concepção do preço justo. Todos fizeram parte de alguma forma, e o grupo PEGADAS teve prova do quanto a prática foi bem desenvolvida a partir das avaliações que recebemos dos participantes. Recebemos alguns relatos de pessoas que já tinham participado de outros momentos que discutiam sobre o tema, junto ao SENAC, eles falaram que a maior diferença foi que com a nossa oficina eles compreenderam como aplicar na vivência deles os conteúdos abordados, pois o curso do SENAC não foi possível criar o que foi aprendido no seu dia-a-dia.

Alcançamos nesse momento os primeiros degraus para a formulação de um conteúdo de gestão financeira pautado na Educação Popular, ao fazer que esse



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

conhecimento se desenvolva em cada trabalhador a partir do seu conhecimento e possibilitando a aplicabilidade a cada realidade.

Na última oficina em Currais Novos foi bem aproveitada por dois pontos: o primeiro observado é que os componentes do grupo PEGADAS estavam adaptados a transmitir de um modo lúdico e simples os conhecimentos da cartilha, e a integração do grupo nesse momento é primordial. O segundo observado aconteceu na própria aplicação das fórmulas matemáticas, pois diferente da maneira como foi aplicada nos demais territórios, o grupo não ministrou esse tópico da cartilha em forma de aula, e sim em grupos com as próprias pessoas, resolvendo junto com eles com situações reais do seu cotidiano o que possibilitou uma aproximação em suas respectivas realidades e facilitou a compreensão e aplicação do conteúdo.

Articulação territorial

Para a oficina na Região Terra dos Potiguaras tivemos uma dificuldade junto aos articuladores, no sentido de que eles não teriam como viabilizar a presença dos empreendimentos do território de uma maneira efetiva. Desse modo, buscamos outra forma de alcançar esses empreendimentos lançando no Fórum Potiguar de Economia Solidária uma ficha de inscrição para a oficina, que teve a sua aplicação na própria universidade. A estratégia funcionou e tivemos uma grande quantidade de empreendimentos presentes na oficina, cerca de cinco deles e uma média de trinta pessoas, nos mostrando uma ótima perspectiva de multiplicadores.

Para a oficina no território do Trairi teve uma série de obstáculos e o principal deles foi a falta de entendimento entre o grupo e os articuladores da região quanto ao público alvo das nossas oficinas. O grupo tem como público alvo, pessoas que fazem parte de empreendimentos econômicos solidários e/ou estejam envolvidos no movimento da economia solidária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cartilha de Gestão Financeira da série Ferramentas de Gestão para a Autogestão é uma temática difícil ainda de ser trabalhada com os trabalhadores dos empreendimentos que em grande maioria tem uma escolaridade baixa. Não necessariamente pelo conteúdo, mas pelo medo dos trabalhadores não se acharem capazes de organizar suas contas. Muitos fizeram cursos em outras instituições e



XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social Movendo Outras Engrenagens Itajubá-MG, Brasil

não conseguiram assimilar o conteúdo da mesma forma e esse é um dos principais relatos nas avaliações. O conteúdo busca refletir o tempo todo a gestão com autogestão, a necessidade de acesso à informação de todos os trabalhadores no empreendimento solidário e que os participantes passam a ser multiplicadores desse conhecimento para os demais.

O PEGADAS se propõe a trabalhar com Educação Popular, então todo o processo precisa ser desenvolvido pensando em transmitir os conteúdos de uma forma as pessoas que esteja lendo a cartilha ou participando das oficinas consigam relacionar facilmente o que está sendo apresentado com a sua realidade e com os conhecimentos de mundo.

A cartilha e a oficina é aprimorada, a medida em que é aplicada, foi sendo analisado a aceitação pelos participantes da organização, metodologia, linguagem, estrutura através das avaliações que pedíamos ao final de cada oficina. Além disso, por meio do comportamento dos participantes, uma vez que na primeira oficina os mesmos se mostraram bastantes dispersos, então precisamos pensando em uma forma de manter o foco deles e interagindo mais sobre a temática. Uma parte fundamental como pudemos observar é o alinhamento inicial para a oficina ser produtiva e impactar um maior número de empreendimentos ligados a Economia Solidária que é o nosso público alvo, visto que precisamos de uma liderança que entenda nosso trabalho e nosso objetivo para articulação dos trabalhadores.

Por fim, verificou-se que a aplicação das oficinas ajudou ao grupo rever sobre os princípios cultivados como a Educação Popular, assim como criar um ambiente de troca de conhecimentos acerca da gestão financeira nos EES entre o PEGADAS e os empreendimentos de cada território alcançado pelo projeto.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Daniela Freitas; PINTO, Iléia Maria de Jesus. Economia solidária como alternativa de desenvolvimento regional. T&C Amazônia, Amazônia, v., n. 10, p.60-67, fev. 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987. 17^o edição.

ITCP-USP, Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo. A gestão da autogestão na economia solidária: contribuições iniciais. São Paulo: Calábria, 2007. 114 p.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002. 227 p.



**XIV Encontro Nacional de Engenharia e Desenvolvimento Social
Movendo Outras Engrenagens
Itajubá-MG, Brasil**

TAUILE, J. R. Trabalho, autogestão e desenvolvimento. In: Escritos escolhidos 1981-2005. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

VENTURA NETO, Eduardo Augusto. Heterogestão e autogestão, duas formas de controle da produção e do trabalho no capitalismo contemporâneo: a experiência da COPALA. 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.